

LUGARES DE DISPUTAS CONTRA A NARRATIVA OFICIAL: A MEMÓRIA DOS FAVELADOS E O MUSEU SANKOFA MEMÓRIA E HISTÓRIA DA ROCINHA

FERNANDO ERMIRO DA SILVA¹;
DANIEL MAURÍCIO VIANA DE SOUZA²

¹*Universidade Federal de Pelotas*
fernando.urucu@gmail

³*Universidade Federal de Pelotas*
danielmvsouza@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo a análise do processo de construção de memórias, gerado pelas ações de um museu de favela: Museu Sankofa Memória e História da Rocinha, considerando a prevalência de elementos baseados na história local, bem como o princípio do direito à memória de populações invisibilizadas no estado do Rio de Janeiro.

O presente trabalho está inserido no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio, na linha de pesquisa Memória e Identidade Social, na interseção entre o dever de memória e às formas de resistência cotidiana, atento à experiência de um grupo social marginalizado, trabalhado em ações de memória operadas pelo Museu Sankofa, incidindo na produção de uma contra narrativa acerca deles mesmos. Busca-se discutir e problematizar as diferentes definições dos usos e abusos da memória e sua relação com as populações que passam pelo processo de “esquecimento” da memória coletiva – oficial.

Tal condicionamento exercido pelas ações de memória se sustentaria em dois conceitos, por um lado, o ‘dever de memória’ tomado como o direito à memória de um grupo social que não se encaixa na narrativa canônica heroica e que insiste em narrar a si mesmo. E por outro lado, temos a ‘resistência cotidiana’, uma forma de luta paciente e silenciosa, teimosamente levada a cabo pelas comunidades, com avanços e recuos causados pelo desequilíbrio das forças sociais nas regiões limites entre pobres e ricos.

Para Scott (1985), estas são as armas ordinárias dos grupos relativamente desprovidos de poder: relutância, dissimulação e falsa submissão. Estas são formas não canônicas de luta de classe, e partilham certas características: evitam confrontar a autoridade ou as normas da elite, e, representam uma forma de autoajuda individual. Estratégias utilizadas por aqueles em cuja existência parecem não se rebelar, é, no entanto, um emaranhado de táticas minuciosas, individuais e autônomas. A forma possível de resistência é cotidiana, fragmentada e difusa.

Esta pesquisa busca se desenvolver pela via do direito à memória e pela compreensão da resistência cotidiana. Questiona se as ações de memória realizadas por um museu de favela têm o poder de disputar a construção de identidades e como podem influenciar nas formas de resistir no espaço e no tempo. Tem por objetivo investigar como as ações de salvaguarda, preservação e fruição de memórias executadas pelo Museu Sankofa contribuem na construção das memórias da favela da Rocinha, e, na construção de uma representação própria da favela, ancorada na memória local.

Procede-se a análise das narrativas em disputa e que estão diretamente associados à tentativa de imposição de uma identidade marginal para os moradores da favela. Os sujeitos favelados, por sua vez, vêm constituindo, na contra mão de uma história oficial, o que podemos chamar de formas cotidianas de resistência - dadas as condições dentro de um sistema opressivo e violento - constante entre os moradores da favela e aqueles que querem sua remoção, tanto simbólica - esquecidos nos livros de história -, psicológica, no sentido de que assumam uma identidade exterior a sua vontade, e física, para longe de seus lugares de memória e de origem.

2. METODOLOGIA

Para a elaboração desta pesquisa, de cunho qualitativo, se utilizará de pesquisa bibliográfica, também pesquisa documental e de entrevistas semiestruturadas para produção de dados. A entrevistas serão realizadas com os fundadores do Museu Sankofa buscando resgatar a história da entidade. Também serão sujeitos da pesquisa moradores que representam entidades ou instituições locais que possam dizer sobre como percebem o museu e suas ações na relação com a construção de memórias da favela da Rocinha. Serão analisadas as principais ações do Museu, procurando identificar as formas como essas intentam construir outras memórias sobre a favela da Rocinha.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se em andamento, contudo, o principal resultado obtido até agora foi com o levantamento bibliográfico acerca do tema memória social e favelas. Foi possível constatar que houve uma diminuição nas pesquisas no período recente, de 2012 – 2022; e percebemos que trabalhos com questões sensíveis, como a questão racial, a questão de gênero, a questão lgbtqia+ e os fluxos migratórios, são timidamente explorados. São lacunas particularmente significativas quando se leva em conta, por um lado, que as favelas são espaços racializados, e por outro, territórios com um número importante de migrantes, do interior, dos estados próximos, das regiões do país e migrantes transnacionais. Posto isso, revela-se a necessidade de novos campos de pesquisas, a fim de lançar mais luz sobre a questão da favela. Os estudos sobre o tema no Brasil quase que se limitaram, até hoje, a narrar a favelada e o favelado como um ser exótico e sujeito às violências. Foi realizado a prospecção e consequentemente foram contados os sujeitos das entrevistas, tanto do museu, quanto das instituições da favela.

4. CONCLUSÕES

Em virtude dos dados até aqui apresentados, concluímos que o tema favela trata-se ainda de uma representação externa, invisibilizado e curiosamente transparente por meio das negações de sua presença e autonomia (Spivak, 2010).

Deste ponto é possível afirmar que, por ser tratarem de abordagens tradicionais, vale destacar que os trabalhos agregam uma valiosa e importante contribuição ao tema favela, podemos perceber o peso daquilo que Hartman (2020) descreveu os arquivos como um lugar de violência.

O tema Favela, semelhante aos arquivos da escravidão atlântica, luta com a impossibilidade de descobrir qualquer coisa sobre ele que já não tenha sido

afirmada. Por conseguinte, o arquivo como local de violência, segue sendo trilhado pelas pesquisas acadêmicas que revelam: que o grupo que teve a posição dirigente permanece no poder e a estrutura da sociedade é mantida tão somente como a sobrevivência do passado, com que se topa a cada passo (Costa Pinto, 1953). Espera-se que esta pesquisa possa mostrar em um sentido oposto, de uma possibilidade de revisão de termos e conceitos canonizados que seja restabelecida em pesquisas acadêmicas. Desta forma, entende-se que a auto representação, ocorre e se manifesta em formas além e complementares das canônicas e reconhecidas pelo status quo dominante no pensamento intelectual.

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos à bolsa CAPES pelo apoio no desenvolvimento desta pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. **O Negro no Rio de Janeiro: Relações de Raças numa Sociedade em Mudança**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1953.

HARTMAN, S. 2020. Vênus em Dois Tempos. **Ecopós** (23): 3, 12-33.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SCOTT. James C. **Formas cotidianas da resistência camponesa**. Tradução: Marilda A. de Menezes e Lemuel Guerra. Campina Grande. Raízes, vol. 21, nº 01, p. 10-31, jan./jun. 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.